

A CHINA EM FORTALEZA: MUDANÇAS NA PAISAGEM A PARTIR DE MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS¹

Elidiane Silvia Ferreira²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma leitura etnogeográfica da paisagem do bairro Centro na capital cearense a partir de transformações oriundas da chegada da imigração chinesa no século XXI. Ao estabelecerem-se no lugar de destino, o migrante trás consigo elementos de sua cultura que acaba manifestando de diversas maneiras. Essa migração se consolida em Fortaleza no século XXI, quando eles se inserem enquanto comerciantes no bairro Centro e passam a comercializar produtos importados de seu país de origem. Nossa proposta metodológica advém da etnografia utilizada pelos antropólogos e intercala seus procedimentos junto ao olhar geográfico, que intitulamos de Etnogeografia. Em conjunto, eles serão os instrumentos e as ferramentas essenciais para a elaboração de uma Etnogeografia da paisagem transformada pela migração chinesa. É importante mencionar que a maioria dos estudos sobre dinâmicas migratórias foca em aspectos econômicos, políticos e ambientais. No entanto, este trabalho justifica-se por adotar uma abordagem da Geografia Cultural e consiste em refletir sobre as mudanças na paisagem urbana que surgem a partir de processos migratórios, destacando as influências culturais trazidas pelos imigrantes de nacionalidade chinesa e como elas se manifestam no espaço urbano do bairro Centro, em contrapartida, esses imigrantes também são transformados pelo lugar de destino.

Palavras-chave: Migração Chinesa, Paisagem, Fortaleza.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo hacer una lectura etnogeográfica del paisaje del barrio Centro en la capital cearense a partir de las transformaciones procedentes de la llegada de la inmigración china en el siglo XXI. Al establecerse en el lugar de destino, el migrante lleva consigo elementos de su cultura que acaba manifestándose de diversas maneras. Esta migración se consolida en Fortaleza en el siglo XXI, cuando se insertan como comerciantes en el barrio Centro y pasan a comercializar productos importados de su país de origen. Nuestra propuesta metodológica proviene de la etnografía utilizada por los antropólogos e intercala sus procedimientos junto a la mirada geográfica, que denominamos de Etnogeografía. En conjunto, serán los instrumentos y las herramientas esenciales para la elaboración de una etnogeografía del paisaje transformado por la migración china. Es importante mencionar que la mayoría de los estudios sobre dinámicas migratorias se enfocan en aspectos económicos, políticos y ambientales. Sin embargo, este trabajo se justifica por adoptar un enfoque de la Geografía Cultural y consiste en reflexionar sobre los cambios en el paisaje urbano que surgen a partir de procesos migratorios, destacando las influencias culturales traídas por los inmigrantes de nacionalidad china y como se manifiestan en el espacio urbano del barrio Centro, en contrapartida, estos inmigrantes también son transformados por el lugar de destino.

Palabras clave: Migración china, paisaje, Fortaleza.

¹ Este resumo é resultado do projeto de doutorado que está em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual do Ceará - PROPGEO/UECE, sob a orientação do professor Dr. Otávio José Lemos Costa e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (PROPGEO/UECE) - CE, elidiane.ferreira@aluno.uece.br

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, na rotina da cidade de Fortaleza, é comum encontrar imigrantes asiáticos, especialmente os de origem chinesa, que, através de suas práticas socioespaciais, contribuem para a formação de uma paisagem cultural. Eles são perceptíveis em vários locais da cidade, com ênfase no bairro Centro, onde se percebe uma camada de densidade simbólica, evidenciada por uma paisagem ligada a uma intensa atividade comercial.

O Centro de Fortaleza é fruto da ocupação da cidade, sendo neste período confundido com a própria cidade. Em seu processo de urbanização e crescimento econômico decorrente desde o século XIX, adquiriu novos ritmos e atualmente passou a ser o que conhecemos como o bairro Centro, que com suas ruas e galerias concentra um aglomerado de lojas, bancos e restaurantes, além de um intenso fluxo comercial de ambulantes e pessoas que buscam os mais variados produtos e serviços.

Os imigrantes internacionais desde o processo de urbanização da cidade se fizeram presentes. As transformações na paisagem, já eram percebidas com a chegada dos imigrantes árabes que chegaram à cidade ainda no Século XIX e no decorrer do século seguinte, deram novos contornos às ruas e vias da cidade.

Os árabes, em conjunto com outros imigrantes, contribuíram para transformar a paisagem das cidades brasileiras, incluindo Fortaleza, e recriaram nelas as práticas comerciais de seu país (Franklin, 2011).

Sobrenomes como Romcy, Otoch e Jereissati, até hoje são lembrados por moradores de Fortaleza, por possuírem uma extensa rede de lojas na cidade ou por terem seus sobrenomes ligados à política do Estado.

Ao longo do Século XXI, os imigrantes chineses assim como outros que chegaram aqui neste período, integram um novo cenário dos movimentos migratórios marcado por múltiplas formas de mobilidade, em um contexto definido pelas intensas conexões entre diferentes partes do mundo.

Nesta perspectiva e para a elaboração desse trabalho, o conceito de paisagem se revelou como uma porta de entrada para desvendar a presença deste grupo, que ao permanecer nos lugares e através de suas práticas, gera mudanças transformações no lugar de destino.

1.1 Os chineses em Fortaleza



Os chineses chegaram no Ceará no final do Século XX, mas foi no Século XXI que essa imigração se consolidou. Eles migraram não só para a capital, mas para as cidades que exercem importantes papéis na rede urbana cearense.

Assim como em outros estados do Brasil, os chineses elegeram os centros históricos das cidades para se estabelecer pela via das atividades comerciais. Em Fortaleza eles abriram suas lojas no bairro Centro, pelas ruas de maior fluxo comercial e de pessoas.

O bairro é um polo de comércio popular e atacadista que possui espaços com custos baixos para instalação e manutenção de negócios e propicia a comercialização de seus produtos.

As manifestações na paisagem eram percebidas, entre os muitos traços, pelos adornos e decorações das lojas, pela culinária, pelo diálogo travado entre os chineses em mandarim, pelas mercadorias "*Made in china*", importadas de seu país de origem e pelo próprio migrante que dividia conosco o espaço do bairro.

Dessa forma, para além do que se vê, na paisagem deve-se levar em consideração sons, gostos, toques, cheiros, tendo em vista que as manifestações culturais do grupo podem ser percebidas na paisagem por todos os sentidos.

Portanto, é necessário que a sociedade observe a paisagem transformada por indivíduos em movimento, considerando que "ela não é um conjunto de instituições entrelaçadas, mas um caleidoscópio em constante transformação de indivíduos interagindo entre si" (Angrosino, 2009).

Nesse sentido caminhar pelas ruas do Centro e buscar na paisagem fortalezense os elementos materiais e simbólicos oriundos da chegada do grupo de imigrantes chineses que estão impressos no lugar, se tornou um exercício.

Os elementos materiais da paisagem correspondem aos componentes físicos, construídos ou tangíveis, que podem ser observados e mapeados no espaço geográfico. Na abordagem dos geógrafos culturais, esses elementos são interpretados não apenas como objetos físicos, mas também como portadores de significado social e cultural.

Segundo Cosgrove (2012), a paisagem material inclui construções, ruas, praças, monumentos, equipamentos urbanos, plantações e demais elementos físicos que refletem a interação entre sociedade e ambiente.

Os elementos simbólicos da paisagem referem-se aos aspectos intangíveis, culturais e perceptivos do espaço, que carregam significados, valores e representações sociais construídas por indivíduos ou grupos. Diferentemente dos elementos materiais, que são físicos e observáveis, os elementos simbólicos dizem respeito à maneira como o espaço é vivido, interpretado e apropriado culturalmente.

Cosgrove (2012) destaca que a paisagem simbólica reflete crenças, memórias e identidades, funcionando como uma “carta de valores culturais” expressa no espaço.

De acordo com nosso olhar etnogeográfico, destacam-se enquanto elementos materiais a própria loja de importados, as fachadas padronizadas de vermelho ou amarelo carregando elementos decorativos e os produtos *Made in China*. Já entre as formas simbólicas estão as representações de dragões, lanternas, leques e ideogramas, a comunicação bilíngue, os letreiros em mandarim, o uso de cores simbólicas e a própria presença migrante.

Portanto a paisagem deve ser interpretada como uma expressão composta por múltiplas camadas de significados, não sendo prudente ligá-la exclusivamente a fatores demográficos e econômicos, conforme apontou (Cosgrove, 2012). Há nela, um conjunto de práticas simbólicas e culturais que não podem ser deixadas em segundo plano.

Destacamos também que os aspectos culturais de um grupo é condição *sine qua non* para que se compreenda e conheça o ser migrante, e que este, no intenso movimento do seu eu entre lugares, leva consigo hábitos, costumes e crenças, ou seja, elementos da cultura de seu país ou aqueles adquiridos em seu caminho através de suas vivências.

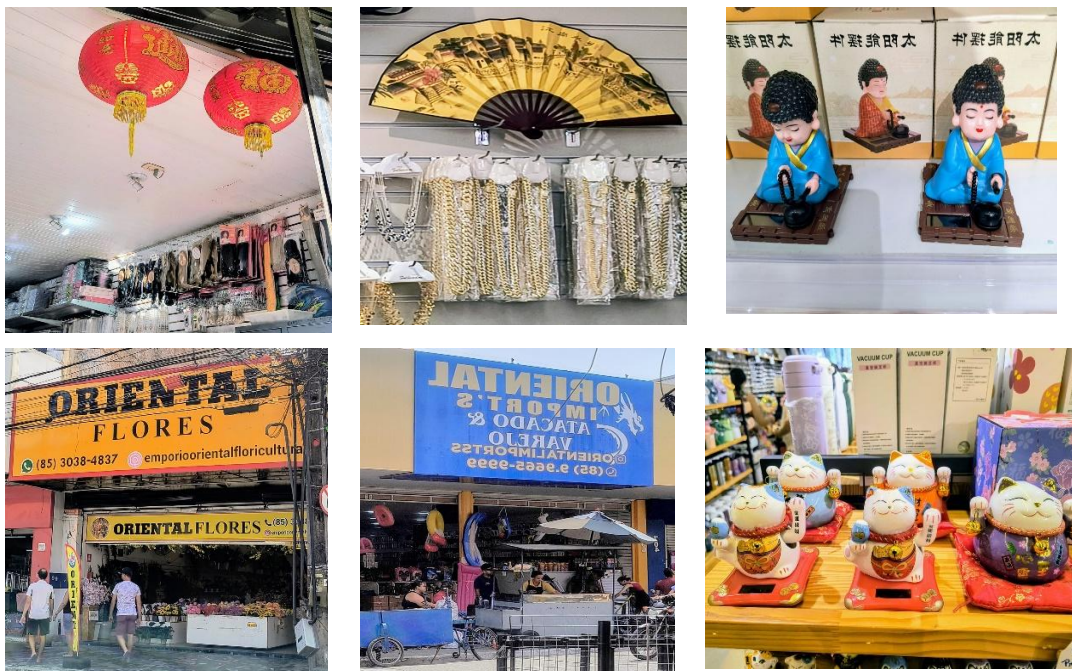
Não é difícil concluir que paisagem e cultura há muito tempo andam associadas, e juntas são estudadas por diversas ciências, como, por exemplo, pela Geografia Cultural.

Em paralelo ao estudo interligado entre paisagem e cultura, Cosgrove (2012) enfatiza que o geógrafo precisa ir além da simples observação dos elementos físicos do espaço, buscando compreender a “linguagem” presente na paisagem por meio de seus símbolos e significados. Esses símbolos podem se manifestar em construções, monumentos, padrões urbanos, práticas sociais ou qualquer outro componente que carregue valor cultural, histórico ou social, mesmo que não estejam imediatamente evidentes à primeira vista. Para o autor, a leitura dessa linguagem exige sensibilidade interpretativa, atenção às nuances e reconhecimento das múltiplas camadas de significados que se sobrepõem no território.

Cosgrove reforça que a paisagem é, essencialmente, um texto cultural, no qual os elementos materiais e simbólicos dialogam constantemente, refletindo relações de poder, memória coletiva, identidade e práticas sociais.

Na Figura 01, é possível visualizar, pela justaposição de imagens, alguns dos elementos materiais e simbólicos da cultura chinesa que estão impressos na paisagem fortalezense.

Figura 01: Elementos simbólicos da cultura chinesa em Fortaleza



Autora, 2025.

Portanto, caminhar pelo Centro de Fortaleza é perceber, em cada rua e galeria, marcas que revelam a presença chinesa na cidade. O olhar se detém nos dragões estampados em vitrines e murais, nos leques e lanternas que ornamentam fachadas, no predomínio vibrante do vermelho e do amarelo que salta aos olhos nos letreiros das lojas. O cheiro e o sabor da culinária oriental emergem dos restaurantes e pequenas pastelarias, enquanto as prateleiras das lojas estão repletas de mercadorias importadas da China e evidenciam a força de suas redes comerciais. Mas, acima de tudo, é a própria presença cotidiana dos imigrantes que, circulando, negociando e interagindo, imprime novas formas materiais e simbólicas à paisagem do Centro.

A “paisagem chinesa” que se delineia no Centro de Fortaleza demanda ser observada e compreendida em suas múltiplas dimensões, e nesse sentido, estamos de acordo com Angrosino (2009), que defende que o pesquisador deve mergulhar no universo de seus sujeitos. Compreender o migrante que, vindo de lugares distantes, estabelece-se em nossa proximidade e ressignifica a paisagem por meio de símbolos e signos culturais em seus espaços de atuação, constitui um desafio analítico diante do qual a Geografia se apresenta como campo privilegiado de interpretação.

Neste estudo, nosso objetivo é fazer uma leitura etnogeográfica da paisagem do bairro Centro na capital cearense a partir de manifestações oriundas da chegada da imigração chinesa no século XXI.



Esta proposta advém da etnografia utilizada pelos antropólogos e intercala seus procedimentos junto ao olhar geográfico, que intitulamos de Etnogeografia. Em conjunto, eles serão os instrumentos e as ferramentas essenciais para a elaboração de uma Etnogeografia da “paisagem chinesa”.

METODOLOGIA

Organizamos nossa metodologia em quatro fases. A primeira corresponde à pesquisa bibliográfica, etapa em que realizamos o levantamento e a análise de obras, artigos e teses que discutem temas como migração, paisagem, etnogeografia e a migração chinesa em centros urbanos, fornecendo a base teórica do estudo. Na segunda fase, procedemos à coleta e ao exame de dados secundários, utilizando registros oficiais, como do Sistema Nacional de Cadastro de Registro de Estrangeiros (SINCRE) e do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), bem como estatísticas e documentos institucionais que auxiliam na compreensão do contexto migratório e comercial. A terceira fase foi dedicada ao trabalho de campo, fundamentado na etnogeografia, por meio do qual realizamos observações participantes, percursos sistemáticos no Centro de Fortaleza e registros fotográficos, a fim de identificar as formas materiais e simbólicas na paisagem oriundas da migração chinesa na cidade. Por fim, na quarta fase, dedicamo-nos à elaboração do texto, momento em que organizamos e analisamos as informações coletadas, articulando o referencial teórico com os dados empíricos para construir a leitura etnogeográfica das transformações na paisagem resultantes da imigração chinesa.

Na primeira fase, realizamos um estudo bibliográfico, que envolveu a seleção, leitura e análise crítica de obras relevantes sobre o tema. Buscamos compreender os diferentes olhares e abordagens teóricas acerca das migrações, bem como as discussões já consolidadas sobre os movimentos migratórios e suas implicações espaciais e sociais. Para fundamentar a análise dentro da perspectiva da Geografia das migrações, utilizamos contribuições de autores como Abdelmalek Sayad (1998), que discute a complexidade do fenômeno migratório e suas dimensões sociais; Milton Santos (2010), que fornece subsídios sobre a organização do espaço e as transformações decorrentes dos fluxos populacionais; Marandola Júnior (2010), que aborda as migrações contemporâneas em um contexto globalizado; e Cavalcanti, Tonhati, Araújo e Botega (2015), que apresentam discussões mais recentes sobre os impactos das migrações nas paisagens urbanas e nas dinâmicas territoriais.

Essa fase permitiu a construção de um referencial teórico sólido, oferecendo bases para a interpretação das transformações culturais, sociais e espaciais associadas aos movimentos migratórios estudados em etapas posteriores da pesquisa.

O conceito de paisagem nos permitiu aprofundar a análise do espaço e das transformações nele observadas, articulando diferentes perspectivas teóricas sobre sua leitura e interpretação. Trabalhamos com autores que oferecem abordagens complementares e enriquecedoras. Corrêa (2012; 2018) nos proporcionou reflexões sobre a paisagem enquanto produto social, evidenciando como as práticas humanas a moldam e conferem significado. Cosgrove (2012) contribuiu com a compreensão da paisagem como construção cultural e simbólica, ressaltando a importância da representação visual e das percepções coletivas. Claval (2012) abordou a paisagem a partir de uma perspectiva geográfica mais analítica, considerando suas dimensões físicas, sociais e culturais. Por fim, Meinig (2002) apresentou diferentes leituras da paisagem, mostrando como os espaços são interpretados de formas diversas conforme contextos históricos, culturais e individuais.

Essa fundamentação teórica possibilitou estabelecer um olhar mais sensível sobre as transformações no espaço estudado, permitindo relacionar as mudanças observadas com os processos culturais, sociais e simbólicos que configuram a paisagem contemporânea.

Com o intuito de caracterizar a migração chinesa no Brasil e identificar os traços simbólicos de sua cultura presentes na paisagem urbana de Fortaleza, realizamos um diálogo com diversas contribuições teóricas e empíricas sobre o tema. Chen (2010) oferece uma análise aprofundada sobre a presença chinesa no Brasil, destacando elementos culturais que se preservam e se transformam fora do país de origem. Neves, Vasconcelos e Lacerda (2022) abordam os processos de adaptação e inserção dos migrantes chineses nas cidades brasileiras, evidenciando como práticas cotidianas e tradições culturais se refletem no espaço urbano. Ferreira (2016) discute a inserção dos chineses no Ceará por meio da divisão dos circuitos da economia urbana, destacando sua participação no circuito inferior da economia urbana, Drigo e Perez (2012) discutem os impactos sociais da comunidade chinesa, explorando as redes de sociabilidade. Lisboa (2016) contribui ao analisar a presença simbólica e identitária dos migrantes em bairros e centros comerciais, enquanto Trevisan (2014) aprofunda a reflexão sobre a interação entre memória cultural e transformações espaciais, destacando como elementos culturais chineses se materializam em símbolos visíveis na cidade.

Para fundamentar o debate sobre metodologias e teorias migratórias, recorreremos a autores que oferecem diferentes perspectivas sobre os processos de investigação e interpretação das migrações. Durant e Lussi (2015) discutem abordagens metodológicas inovadoras com

aspectos teóricos e conceituais essenciais para a compreensão do complexo fenômeno da mobilidade humana, oferecendo um referencial sólido para pesquisadores e estudiosos interessados na área. Angrosino (2009) fornece diretrizes sobre pesquisa etnográfica e trabalho de campo, destacando a sensibilidade necessária ao lidar com comunidades migrantes. Peirano (2008) contribui com reflexões sobre a etnografia contemporânea e a relação entre pesquisador e objeto de estudo, enquanto Claval (1999) oferece importantes subsídios para a compreensão da etnogeografia, abordando a relação entre sociedade, cultura e espaço, sua abordagem valoriza a dimensão simbólica do espaço, mostrando que a paisagem não é apenas um dado físico, mas também um produto das ações sociais e das representações coletivas. Souza (2013) adota a perspectiva dos sujeitos estudados para captar a realidade de forma mais aprofundada e enfatiza a importância de uma abordagem sensível e reflexiva, que reconheça as subjetividades e os saberes locais, especialmente em contextos de comunidades tradicionais e populações marginalizadas e Hissa (2006) argumenta que, na contemporaneidade, as fronteiras entre as disciplinas e entre o "primitivo" e o "moderno" tornam-se cada vez mais móveis e interconectadas.

Essa fundamentação possibilita compreender não apenas os movimentos migratórios em si, mas também os caminhos metodológicos mais adequados para analisar suas dimensões sociais, espaciais e simbólicas, garantindo rigor e profundidade ao estudo das migrações e suas manifestações na paisagem urbana.

Na segunda fase, recolhemos informações secundárias no SINCRE e no SISMIGRA. Os dois sistemas são encarregados de registrar estrangeiros e imigrantes no Brasil. Este dados foram importantes, pois nos indicaram onde estavam o maior volume de migrantes chinesas no Ceará, corroborando inclusive para a realização do recorte espacial do trabalho.

Na terceira fase, iniciamos a pesquisa de campo. A etnogeografia foi o método essencial para a leitura do fenômeno em questão. Utilizando uma abordagem qualitativa, obtida principalmente através da observação participante, juntamente com o uso de diário de campo e imagens, destacamos as manifestações e os aspectos simbólicos na paisagem que nos que indicou a presença de imigrantes chineses em Fortaleza. E por fim, e quarta fase, realizamos a confecção do texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As informações coletadas no SIDRA e SISMIGRA mostraram que, desde o começo do século XXI, a imigração chinesa não cessou no Ceará, especialmente em Fortaleza. De 2000 a

agosto de 2023, o Ceará recebeu 753 imigrantes chineses, dos quais 454 fixaram residência em Fortaleza. Em período de PANDEMIA a imigração chinesa no estado teve uma redução significativa, porém, não foi interrompida, os chineses persistiram na migração e atualmente modificaram a paisagem da capital fortalezense, mas também foram transformados por Fortaleza.

De acordo com (COSGROVE apud CORRÊA, 2018), “a paisagem é um poderoso meio através do qual sentimentos, ideias e valores são expressos”, além disso, ela está associada à cultura e se encontra impregnada de elementos simbólicos que engendram uma paisagem carregada de significados. Sendo assim, foi por meio dela, que percebemos a migração chinesa no centro de Fortaleza, pois em seu processo de espacialização, carregaram a paisagem do lugar com elementos simbólicos.

Entre os elementos materiais e simbólicos que estão dispostos na paisagem com a chegada de migrantes chineses, o quadro 01, mostra a vocês leitores um panorama do que se pode ver na paisagem, caminhando pelas ruas do Centro de Fortaleza.

Quadro 01: Os elementos materiais e simbólicos da cultura chinesa em Fortaleza

ELEMENTOS MATERIAIS	ELEMENTOS SIMBÓLICOS
Lojas de importados no Centro (Rua Barão do Rio Branco, Shopping dos Fabricantes, etc.)	Uso do mandarim em placas, letreiros e na comunicação entre comerciantes
Fachadas comerciais padronizadas, muitas com estética oriental	Representações culturais: dragões, lanternas, leques, ideogramas chineses
Produtos “Made in China” (eletrônicos, roupas, brinquedos, cosméticos, utilidades domésticas)	Cores simbólicas (vermelho e amarelo) usadas na identidade visual das lojas
Presença de migrantes chineses enquanto comerciantes nos espaços urbanos do Centro	Práticas comerciais que aproximam consumidores locais, incluindo divulgação em redes sociais

Elaborado pela autora.

Esse elementos não se concentram em apenas uma região do bairro Centro, mas espacializam-se por várias ruas em que há fluxo comercial intenso. A paisagem revela a presenças das lojas chinesas pelo bairro, não sendo difícil encontrá-los. Os migrantes chineses vendem desde eletrônicos, brinquedos, roupas, maquiagens e bolsas que ainda é o principal produto comercializado por eles nas lojas. A estrutura da loja traz muitos símbolos e elementos que nos remetem a cultura do grupo, como dragões, lanternas, leques, mas o jeitinho chinês de comercializar também é bastante marcante.

Ressaltamos que a maioria dos estudos realizados sobre dinâmicas migratórias, são de natureza econômica, políticas e ambientais, e há a necessidade de uma abordagem pelo viés da Geografia cultural, que nos chama a olhar para o migrante, enquanto sujeito, que traz consigo cultura e acaba por imprimir nos lugares em que habita parte dela, via símbolos e signos que incutem suas crenças, práticas e sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os chineses aportaram em Fortaleza carregados de história e cultura, e durante sua estadia na cidade, transformaram o local com símbolos originários de seu país, criando uma diversidade contemporânea. Portanto, é possível observar um cenário cultural repleto de significados e com características particulares e únicas. Este trabalho nos permitiu conhecer melhor os chineses e diminuiu o estranhamento, até então sentido, com a presença dos elementos simbólicos trazidos por eles e impressos em suas lojas. Considerando que a maioria dos estudos sobre fluxos migratórios se concentra em aspectos econômicos, políticos e ambientais, este estudo também possibilitou a análise das migrações conduzidas sob a perspectiva da Geografia Cultural, resgatando a importância de saber observar e descrever os elementos presentes na paisagem dos lugares.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. Etnografia e observação participante. Tradução José Fonseca; consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138 p.

CAVALCANTI, L; TONHATI, T; ARAÚJO, D; BOTECA, T. (2015). Um Convite às teorias e conceitos sobre migrações internacionais. In. Dicionário Crítico de Migrações Internacionais. Leonardo Cavalcanti [et. Al.], (Org). - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

CHEN, M. S. Cultura e Educação dos Imigrantes Chineses na Cidade de Cascavel/PR: dois mundos, um mesmo objetivo. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da Educação Brasileira na Univ. Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus Cascavel, 2010.

CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Geografia cultural: uma antologia. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 2012. p. 245-276.

CORRÊA, R. L. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. Espaço e Cultura. [Sol.], n. 1, p. 1-22, ago. 2012.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. Tradução de Olívia B. Lima da Silva In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro (RJ):UERJ, 2012. p. 219-238.

DRIGO, M. O.; PEREZ, C. Espaços de vivência com a “cultura chinesa”: comunicação e rituais alimentares em foco. *Signos do Consumo* – v.4, n.2, 2012. P. 145-164.

DURAND, J.; LUSSI, C. Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

FERREIRA, E. S. Migração internacional e economia urbana: os chineses no território cearense. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, 2016.

FRANKLIN, Ruben Maciel. **“Gallegos”, “gombadres” e negócios**: os imigrantes libaneses na praça mercantil da cidade de Fortaleza–CE (1890-1930). Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do Grau de Mestre em História Social na Universidade Federal do Ceará, sob orientação do Prof. Dr. Frederico de Castro Neves em 2011. 246f.

HISSA, C. E. V. A Mobilidade das Fronteiras – inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte. Editora da UFMG, 2002.

MARANDOLA JR., E; GALLO, P. M. Dal. Ser Migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. *R. Bras. Est. Pop.* Rio de Janeiro, v.27, n. 2, Jul/dez, 2010, p. 407.

MEINIG, D. W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ. N. 13, p. 35- 46, Jan/Jun, 2002.

PEIRANO, M. Etnografia, ou a teoria vivida. *Ponto Urbe* [online], 2 | 2008, posto online no dia 06 agosto 2014, consultado 19 abril 2019.

SANTOS, M. de O. Os “novos estrangeiros”. In: FERREIRA, Ademir Pacelli; VAINER, Carlos; PÓVOA NETO, Helion; SANTOS, Miriam de Oliveira. (Org.). *A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 207-208.

SAYAD, A. *A imigração: ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: editora EDUSP, 1998.

SOUZA, A.F.G. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and. PESSÔA, V.L.S., comps. *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 55-68.

TREVISAN, C. *Os chineses*. São Paulo: Contexto. 2014.